

O impasse da direita autoritária

A espantosa votação dada a um candidato quase sem partido, o médico Enéas Carneiro, merece atenção. Mesmo se atribuirmos a má classificação de Quêrcia, Brizola e Amin à migração de parte de seus eleitores para Fernando Henrique, continuará soando estranho que, devastadas as opções de centro e direita pelo impacto da nova moeda, Enéas sobrevivesse e até avançasse.

A opção Enéas ilustra o impasse das tendências mais autoritárias da direita brasileira, aquelas que dariam apoio emocional a uma nova ditadura militar. Não é à toa que um eleitor seu disse que o Brasil precisa de "um pouco de fascismo". Embora Enéas não pregasse uma ditadura, seu público talvez a aceitasse. Pois o que o situa na direita autoritária é a intransigente defesa da ordem. A autoridade, para a esquerda, pode ser um meio; para a direita radical, é um valor em si, do qual tudo emana. Daí, por sinal, cercar-se Enéas de oficiais-generais — felizmente, da reserva. A denúncia da desordem, da anomia e da bagunça constitui uma retórica que mina o Estado de Direito e favorece a ditadura.

Além disso, Enéas apostou no estilo moralista. Hoje é praxe denunciar-se na esquerda tradicional (ou "autoritária": os PCs) o mora-



O que nos salva da ditadura não é a cidadania, é o "shopping center"...

lismo, a discriminação contra as condutas dissidentes, sobretudo em matéria sexual; mas a verdade é que os partidos comunistas foram mais tolerantes, no século 20, do que seus rivais direitistas. O moralismo de esquerda foi menor que o de direita — que Enéas exprime.

No entanto, há pontos de contato entre ele e um discurso que é ou foi da esquerda. (Aliás, o candidato realmente de direita foi o almirante Fortuna). Enéas criticou a política econômica vigente e a agenda neoliberal, que estes anos se foi impondo aos espíritos. Opôs-se à mu-

danças propostas na Previdência, alegando que os benefícios em vigor continuarão a onerar o Estado, enquanto as novas receitas passariam para a previdência privada — agravando o déficit previdenciário da União. Com linguagem técnica, Enéas negou o ideal de uma economia auto-regulada só pela concorrência, ao mesmo tempo (o que, sem dúvida, atrai eleitores que, tivéssemos mais cultura política, seriam de esquerda) em que defendia uma forte autoridade do poder público, porque eleito e representativo, sobre os desmandos do poder econômico.

Assim, apesar de seu sucesso, Enéas expressa o impasse a que chegou a direita autoritária. Uma aliança que nunca deu errado no Brasil juntava o capital, a assim chamada classe política e os militares. Agora, porém, ela faliu. Co-

mo poderia o capital, hoje que re-negou o nacionalismo, atrair Forças Armadas cuja doutrina básica é a defesa da Pátria e de seus valores? Como poderia o capital, ao apostar no consumo, seduzir militares que vegetam com salários de miséria e têm por essencial a frugalidade? Desde o governo Collor, e os inícios da integração de nossa economia, os valores defendidos pelo capital e pelos partidos que o apóiam começaram a se opor à disciplina que constitui a própria razão de ser do militar. Com isso, uma camada que foi poderosa na sociedade brasileira perdeu o sentido de sua ação. Nem por isso, porém, se imagine uma passagem dos militares para a esquerda. Décadas de doutrinação o impedem. Atitudes essenciais quanto à vida os opõem.

Devemos, porém, meditar. Acabou a velha coligação autoritária, mas o que dela protege nossa democracia não é a convicção democrática dos espíritos, e sim a incompatibilidade entre o consumismo e o coturno. O que nos salva da ditadura não é a cidadania, mas o "shopping center"...

Ora, o consumismo tem os seus descontentes: a massa de desertados que dele se vê barrada e, noutro patamar, aqueles que se sentem perdidos ante o esvaziamento dos valores da ordem. Se não soubermos equacionar o mal-estar ante o consumo, e dar à democracia base mais forte que esse mercado, ela terá problemas.

